PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

Ana Cristina Leandro do Nascimento [1]
Secretaria Municipal de Juazeiro do Norte
Crato – Ceará, Brasil
ana.cristina.leandro@hotmail.com

Ana Maria do Nascimento [2]
Secretaria Municipal de Crato

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão acerca do livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, e suas contribuições para a formação docente. Desta forma, apresentamos a seguinte questão: como as categorias expressas no livro podem contribuir na formação de professores? Desta feita, tem como objetivo geral, analisar o livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa e sua contribuição para a formação inicial docente. Como objetivo específico, apontar categorias essenciais à formação do educador ou educadora. Para tanto, fizemos uma leitura da obra, pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, escrito na década de 1990. Marconi e Lakatos (2014) afirmam que há vários tipos de leitura, neste caso, optamos por uma leitura crítica e reflexiva. A escolha desta temática justifica-se, pelo fato de ter sido o último livro escrito pelo autor, e por acreditarmos que é um livro que traz contribuições significativas no campo da formação e ação docente. Diante da análise, foi possível percebermos que o livro embora escrito em um contexto aparentemente distante continua atual e aponta discussões pertinentes à prática docente e prática social. Portanto, acreditamos que deve ser lido por todos os educadores e educadoras que acreditam em uma educação transformadora.

Palavras-chave: Pedagogia da Autonomia. Formação Docente. Prática Educativa.

1. Introdução

Este artigo tem como finalidade refletir sobre o livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa e sua contribuição para a formação docente. Neste sentido, apresentamos como principal questão: como as categorias expressas no livro podem

[1] Graduada em Pedagogia na Universidade Regional do Cariri - URCA. E-mail: ana.cristina.leandro@hotmail.com
[2] Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará- UFC, Mestre em Educação Pela Universidade Estadual do Ceará- UECE, Especialista em Arte e Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri - URCA.

contribuir na formação de professores? Tem como objetivo geral analisar o livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa e sua contribuição para a formação inicial docente. Como objetivos específicos temos: apontar categorias essenciais à formação do educador, bem como refletir sobre sua valiosidade teórica e prática. Para tanto, fizemos uma leitura da obra *Pedagogia da Autonomia* do Autor Paulo Freire, escrita na década de 1990, mais precisamente em 1996, última obra do autor antes de seu falecimento em 1997.

Este tipo de pesquisa se assemelha à pesquisa bibliográfica, que, segundo Severino (2007, p. 122), "é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de registros anteriores, impressos, como livros, artigos, teses etc.". Em nosso caso, escolhemos um único livro para análise, fazendo uma leitura crítica-reflexiva, conforme Marconi e Lakatos (2014, p. 21) este tipo de leitura: "implica estudo, reflexão, entendimento dos significados. Exige esforço reflexivo." Confessamos, que por muitas vezes tivemos que recorrer ao dicionário freireano, buscando compreender alguns conceitos apontados pelo autor no livro aqui estudado.

A escolha deste estudo, justifica-se pelo fato da valiosidade teórica e prática do livro, e, por ter sido o último livro escrito por Freire, relevante também por acreditarmos que é um livro que traz uma contribuição significativa no campo da formação docente, já que trata de saberes essenciais à prática educativa.

Diante da análise, foi possível perceber que o legado deixado pelo autor, pode contribuir significativamente para a prática educativa dos professores e professoras que compreendem a educação como emancipação humana e prática política. Por fim, verificamos que este é um livro crítico, político e esperançoso, mesmo escrito em um contexto aparentemente distante, aponta-nos conceitos e categorias relevantes e atuais para a formação teórica e prática docente.

O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente faremos uma apresentação da obra; no item seguinte apresentaremos algumas categorias e suas contribuições para a formação inicial docente; e por fim, teceremos algumas considerações, seguida das referências.

2 Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa- breve apresentação.

Neste tópico, realizamos uma discussão acerca do livro Pedagogia da Autonomia, fazendo algumas reflexões sobre o contexto de sua escrita e sua estruturação, considerando a

valiosidade prática e teórica da obra. O livro Pedagogia da Autonomia, foi escrito na década de 1990, precisamente em 1996, último livro escrito pelo autor Paulo Freire que faleceu em 1997.

Publicado pela primeira vez em 1996, o livro emerge em um contexto político e histórico de grandes transformações sociais, De acordo com Frigotto e Ciavatta (2003, p. 97) "Os anos de 1990 registram a presença dos organismos internacionais que entram em cena em termos organizacionais e pedagógicos, marcados por grandes eventos, assessorias técnicas e farta produção documental". Para os autores essa foi uma década de efervescência no contexto educacional, um desses eventos foi a

> Conferência Mundial sobre Educação para Todos" realizada em Jomtien, Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990, que inaugurou um grande projeto de educação em nível mundial, para a década que se iniciava, financiada pelas agências UNESCO, UNICEF, PNUD e Banco Mundial (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2003, p. 97)

De acordo com os autores, o principal objetivo era traçar planos para a década de 1990, considerando as "necessidades básicas de aprendizagem" É neste contexto que emerge no Brasil, as políticas educacionais a fim de melhorarem os índices de aprendizagem, assim como o Plano Decenal de Educação para Todos. Inspirada nesse movimento, foi publicada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, 9394/96. A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS. Desse modo, a década de 1990 se constitui como importante marco na política educacional brasileira, mesmo que influenciada pelos organismos internacionais. Dessa forma, Silveira (2015, p. 1-2) revela:

> As mudanças políticas e econômicas ocorridas no Brasil na década de 1990 deram nova configuração à educação pública, de modo a atender as exigências e padrões econômicos internacionais para que o país saísse de sua condição de subdesenvolvimento e se inserisse no contexto da globalização.

Dada essas considerações, resta-nos afirmar que a Pedagogia da Autonomia emerge num momento efervescente de reformas educacionais em que se discute mudanças de posicionamentos e conceitos para a educação brasileira, consequentemente mudança de postura docente. É evidente que este não se constrói fora dessas influências. É um livro dividido em três partes, que, embora distintas, são essencialmente importantes para a formação inicial docente. Cada capítulo tem nove subitens e em cada item uma riqueza conceitual e categorial que merece ser compreendida.

No primeiro capítulo, *Não há docência sem discência*, o autor revela que ninguém ensina sem aprender e ninguém aprende sem ensinar. Ensinar e aprender fazem parte do *que*

fazer docente, estando imbricados no processo dialético. É um capítulo que convida professores e professoras a repensar o seu fazer docente, com objetivo de buscar forma de ensinar e aprender diferentemente dos modelos tradicionais e burocratizados de ensino enraizados na educação brasileira.

No segundo capítulo, intitulado *Ensinar não é transmitir conhecimento*, o autor discute as possibilidades de produção do conhecimento e o destaca, não como algo dado ou como algo que pode ser depositado. Defende uma construção curiosa, coletiva, política e epistemológica. Freire (1996) defende a construção da autonomia do educando, afirma que o conhecimento não deve se dar em uma relação mecanicista, jogado de cima para baixo, mas que possa ser construído numa relação de dialogicidade e junção do que se ensina, ou seja, os conteúdos sistematizados refletidos à luz dos saberes dos educandos.

No terceiro Capítulo, *Ensinar é uma especificidade humana*, Freire discute o conhecimento como produção do ser humano. Este, sendo um ser pensante e transformador deve ser coerente, competente, rigoroso, dialógico e não simplesmente aceitar as coisas como algo dado, principalmente saber que a educação não é neutra e exige um posicionamento político. Ao contrário do que é apregoado pelos críticos de Freire, quando afirmam que ele não valoriza o conhecimento sistematizado, mas apenas o saber cotidiano, Freire defende a rigorosidade metódica e afirma que o educando ou educanda necessita superar a curiosidade ingênua passando a ter uma curiosidade epistemológica. E isso só é possível se os alunos e alunas apreenderem os conteúdos necessários. “Apreendidos, estes operam por si mesmo” (FREIRE, 2006, p. 31).

Neste capítulo, o autor desconstrói a ideia de que os conteúdos não são importantes, pois, apesar de acreditar na autonomia do educando, Paulo Freire, defende a rigorosidade metódica, os professores e professoras precisam ter conhecimento do que ensinam até para que possam ter autoridade e profundidade dos temas trabalhos em sala de aula.

A leitura da obra nos permite, compreender a politicidade da educação. Neste sentido, reconhecer a sua intenção política e ideológica. Portanto, ao assumir a profissão docente devemos sempre nos perguntar: por que ensino? Para quem ensino? E a favor de quê e de quem ensino? Desvelar o mito de que existe neutralidade nos programas educacionais e nas ações educativas que se materializam no interior das escolas públicas. Para Freire, devemos, enquanto educadores e educadoras, ter clareza de nossa posição política e ideológica, que, sem dúvida, deve ser a favor da classe menos favorecida.

Com base na leitura, consideramos um texto eminentemente político e necessário, discute os saberes necessários à formação docente e aponta um debate relevante sobre a prática da reflexão, sobre a prática em favor da autonomia e liberdade, não só do educando, mas também do educador.

3 Categorias freirenas e suas contribuições aos saberes docentes

O que está em pauta neste debate são as principais categorias extraídas do livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Após leitura minuciosa do mesmo, escolhemos categorias que consideramos fundante para essa reflexão, bem como necessárias à prática educativa.

Neste primeiro capítulo, *Não há docência sem discência*, Freire apresenta várias categorias, dentre as quais destacamos algumas que consideramos relevantes para o processo da formação docente: ensinar exige rigorosidade metódica. Para Freire, a tarefa primordial do educador é fazer com que os educandos se aproximem da forma cognoscitível, ou seja, da forma mais próxima de construção de conhecimento. O que significa que o papel do educador não é só ensinar os conhecimentos programáticos, mas, ensinar aos seus alunos como pensarem e produzirem conhecimentos.

Outro ponto considerado importante neste item é sem dúvida a importância da pesquisa. Segundo Freire (1996, p. 29), “Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo”. Acreditamos ser a pesquisa uma categoria necessária ao ato de ensinar. Como afirma o próprio autor, no seu legado não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino, o professor que realmente queira ensinar e aprender necessita, permanentemente, do ato de pesquisar. Severino (2007) afirma que toda prática de ensino, seja onde for precisa de uma prática de pesquisa, ou seja, a produção de conhecimento só se concretiza verdadeiramente através da pesquisa, categoria fundante e para a construção da prática docente.

À medida que privilegiamos a pesquisa, devemos ter respeito aos saberes do educando, a pesquisa inicia-se a partir do que os alunos sabem e vai construindo-se epistemologicamente. Freire não desvaloriza o conhecimento científico. Este revela que é necessário partir do que o aluno sabe, para chegar a outro nível de compreensão. Daí, porque o ensino exige rigorosidade metódica, e uma constante reflexão sobre a prática. Para Freire

(1996, p. 22) "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando *blá-blá-blá* e a prática, ativismo".

Respeitar os saberes do educando não significa que eles permaneçam no saber ingênuo, mas que eles partam dele para, assim, evoluir cientificamente em seu pensamento, ou seja, partir do saber do senso comum para a sua superação. Segundo o autor, à medida que o educador ou educadora respeita o saber do educando ou da educanda e estimula sua capacidade criadora, este ou esta está verdadeiramente implicado ou implicada com a educação transformadora.

E assim se expressa: "Não há para mim, na diferença e na "distância" entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber da experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação". (FREIRE, 1996, p. 31). Neste sentido, considera não uma ruptura, mas a superação, onde o educando ou educanda evolui do saber ingênuo ao conhecimento mais elaborado, indicando a realidade "empírica como ponto de partida na construção do conhecimento e não ponto de chegada". (FRANCO; GHEDIN, 2011, p. 119)

Já o segundo capítulo, em que o autor afirma que *ensinar não é transferir conhecimento*, destacamos aqui conceitos considerados importantes para a formação e produção de saberes docentes.

> É preciso insistir: este saber necessário ao professor - que ensinar não é transferir conhecimento - não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 1996, p. 47)

Com base nestas considerações, o autor aponta, que o professor ou a professora no seu fazer pedagógico, precisa não apenas depositar e transferir os conhecimentos, mas saber, como e onde estes se constroem e mais importante ainda, ser testemunho desse fazer. Deste modo, teoria e prática estão tão imbricados que a fala vai se materializado nas ações cotidianas, não devendo haver distanciamento entre o discurso e a prática, entre o que se diz e o que se faz realmente

Ainda neste capítulo, Freire revela que somos seres inacabados, e nada do que experimentamos seja como pessoa ou educador/ educadora, deve ser repetido. Considera-nos como seres de criação, de reinvenção, portanto, seres inconclusos. O que se faz, com uma turma de alunos hoje, não necessariamente deve ser repetido com outra amanhã. Por ter consciência desse inacabamento, vamos saber que somos seres condicionados, mas não nos

acomodamos diante da realidade imposta. "É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente" (FREIRE, 1996, p. 58). Considera, porém, a inconclusão um saber fundamental para a formação docente.

Posto isto, lembramos também a curiosidade, logo salienta: "como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo*, nem *ensino"* (FREIRE, 1996, p. 85). Isso, implica dizer que a busca e a produção do conhecimento não se concretizam se não existir curiosidade. A curiosidade é essencial no exercício do educador.

No terceiro capítulo, *ensinar é uma especificidade humana*, o autor, traz uma reflexão da capacidade humana e da capacidade que este tem de ter segurança em si mesma. Seguro de si, ele exerce seu trabalho com autoridade, curiosidade e competência intelectual. O ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. Essas são competências que movem a ação docente. O professor ou professora competente é aquele habituado a pensar, a buscar, é um ser da procura. Alia teoria e prática, os conteúdos e a ética da formação do educando. Para o autor não existe autoridade docente se não existe competência para ela. O professor ou professora precisa levar a sério a sua formação, estudar se esforçar para que possa estar à altura de sua profissão, ter autoridade para exercê-la.

A categoria do diálogo é vista como fundamentalmente importante na construção da prática educativa. A boniteza do diálogo está em saber escutar, respeitar as opiniões e saberes do outro. Dialogar sem agredir, colocar-se em uma posição horizontal. Segundo Freire, o verdadeiro diálogo não se faz de A para B, mas de A com B. O diálogo se faz na construção coletiva, onde todos e todas tem direito a voz.

Sendo assim, não há ensino, sem diálogo. Diálogo cujo fundamento se faz com os outros e não para os outros, respeitando as diferenças encontradas nas pessoas. Não se faz diálogo de cima para baixo, nem a partir de comunicados distantes, onde uns enviam para outros que se quer sabem do que se trata. Diálogo se faz com participação, implicação teórica e prática, postura política e ideológica. O diálogo constitui-se categoria indispensável à prática educativa. Contudo, ensinar exige comprometimento, compreender a educação como um modo de intervenção no mundo, para tanto, disponibilidade para o diálogo.

O primeiro movimento nos diz que o educador progressista, necessita de um posicionamento, de uma postura crítica diante dos conteúdos que ministra. Em seu legado, o educador Paulo Freire diz claramente que precisamos saber de quem a favor ou contra quem está a nossa ação.

No entanto, necessitamos reconhecer que a educação é ideológica, portanto, ela se manifesta da forma como o professor ou a professora vê e olha o mundo. A educação é política. Freire (2014, p. 54-55) revela que:

> A compreensão dos limites da prática demanda indiscutivelmente a claridade política dos educadores com relação ao seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática educativa progressista. Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação.

A politicidade docente é, sem dúvida, importante, não apenas para a compreensão do projeto educativo, mas também para sua materialização no interior das escolas. O professor e a professora precisam assumir a postura política da educação, não simplesmente de forma verbalista, mas nas ações, na forma como trata e dialoga com os conteúdos que ensina.

Por fim, lembramos as limitações desse texto e embora tenhamos ressaltado aqui apenas algumas das categorias apontadas por Freire no livro Pedagogia da Autonomia, evidenciamos que embora seja um livro aparentemente pequeno ele apresenta um debate grandioso para a formação dos saberes docente, todas as categorias são importantes para a formação docente e não apenas as que trouxemos neste artigo. O livro, em sua principal essência, convida-nos a fazer uma reflexão acerca dos saberes da prática educativa a partir de categorias essenciais à prática docente. Revela o papel fundamental da educação na transformação da realidade e alerta que a educação por si só não é capaz de transformar. Precisamos compreendê-la dentro do contexto histórico social e político no qual estamos inseridos e inseridas.

A discussão apontada na obra Pedagogia da Autonomia aponta uma reflexão contrária a uma educação bancária, a burocratização do trabalho docente. É uma obra que foge do paradigma da passividade e coloca professores, professoras, alunos e alunas como sujeitos do processo de ensinar e aprender, sem com isso desconsiderar a realidade objetiva com toda sua contradição.

Os resultados e discussões aqui estabelecidas evidenciam que o legado deixado por Freire em Pedagogia da Autonomia continua atual e traz contribuições significativas ao processo de formação inicial docente. Apresenta categorias relevantes, que necessitam ser conhecidas e apreendidas na prática docente.

5 Conclusões

Conforme elaborações do autor, as categorias evidenciadas no livro dão suporte aos educadores e educadoras ou futuros/as educadores e educadoras em sua ação docente no chão das instituições escolares ou não escolares. Ao estudar o livro Pedagogia da Autonomia, ficaram evidenciadas algumas categorias trabalhadas pelo autor, e como a sua compreensão e apreensão podem auxiliar no processo da formação do/a educador/a.

Em virtude deste legado, aprendemos e apreendemos que a realidade não é exatamente essa, mas está sendo e nós, como educadores e educadoras, temos papel fundamentalmente importante na transformação dela, assumindo uma postura ética, crítica, curiosa e dialógica. É um livro eminentemente crítico e esperançoso; ajuda-nos a compreender conceitos necessários para nossas lutas escolares e sociais.

Sendo assim, o texto apresentado aqui traz uma discussão acerca do livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Um livro aparentemente pequeno, mas grande em ensinamentos e aprendizagens. Um livro que aponta diversos conceitos necessários para que possam ser incorporados à formação de educadores/as, consequentemente à prática educativa.

Destacamos que os nossos objetivos foram atingidos. Ao lermos a Pedagogia da Autonomia, fomos capazes de identificar categorias importantes que ajudam na formação e prática docente. Tais como: teoria e prática, pesquisa, política, curiosidade, diálogo, inacabamento, politicidade. Evidenciamos, portanto, que, embora apontemos apenas algumas categorias, o livro em sua essência apresenta uma riqueza teórica que dificilmente seria exposta em um artigo. Portanto, necessita ser lido e relido, pois tem uma riqueza teórica, e pode auxiliar os/as educadores/as em suas ações cotidianas em espaços escolares ou não escolares.

Concluímos, que mesmo sendo um livro escrito na década de 1990, a Pedagogia da Autonomia se mostra atual e suas categorias necessárias, principalmente se considerarmos o contexto de retrocesso que estamos vivendo na atual conjuntura social e política. É um livro que deve ser lido por todos os educadores e educadoras que se digam progressistas e transformadores.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Politicidade e Educação. Org: Ana Maria de Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação Básica no Brasil na Década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 93-130, abr. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/fwBNt6pKWJKTdYrCkxHjPdQ/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de Método na construção da Pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

SEVERINO, Antonio Joaquim**. Metodologias do Trabalho Científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Everton de Paula. **A política educacional brasileira no contexto das reformas políticas dos anos 90**. Disponível em: http://educacao.sorocaba.sp.gov.br/wpcontent/uploads/2015/03/APOLITICAEDUCACIONAL.pdf. Acesso em: 24 jan. 2017.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José**. Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.